

# Educomunicação: reflexões sobre teoria e prática.

## A experiência do Jornal do Santa Cruz

Claudia Jawsnicker\*

### Índice

1 Introdução	1
2 Desafios e perspectivas da utilização da mídia na escola	2
3 Experiências escolares com jornais	4
4 A experiência do jornal Santa Cruz	6
5 Considerações finais	7
6 Referências bibliográficas	8

### Resumo

Considerando o referencial teórico acerca da Educomunicação (Schaun 2002, Gaia 2001, Soares 2002), este artigo pretende relatar a experiência da produção do *Jornal do Santa Cruz*, tablóide produzido em conjunto por alunos do curso de Jornalismo da Fundação Assis Gurgacz (FAG) e estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Santa Cruz, ambas instituições localizadas em Cascavel, oeste do Paraná. O projeto ressalta a importância da produção de um jornal escolar como forma de estimular e socializar o debate de temas de interesse dos alunos

\*Jornalista profissional. Mestre em Educação. Docente do Curso de Comunicação Social / Jornalismo da FAG, em Cascavel.  
E-mail: jawsnick@certto.com.br

e da integração entre a universidade e a comunidade escolar.

**Palavras-chave:** Educomunicação, jornal escolar, Jornal do Santa Cruz.

### 1 Introdução

A Educomunicação tem se afirmado, nos últimos anos, como um campo de intervenção social que procura incluir a Comunicação no processo da mediação educacional. Este campo, segundo Schaun (2002), caracteriza-se por atividades de intervenção política e social fundamentadas no desejo de análise crítica do papel dos meios de comunicação que atuam no âmbito do ensino formal e informal.<sup>1</sup> As práticas de intervenção social da Educomunicação constituem-se em ações, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos (presenciais e virtuais), partindo da compreensão da importância da ação comunicativa para o convívio humano, para a produção do conheci-

<sup>1</sup>Entendemos ensino formal como cursos de níveis fundamental, médio, superior e de formação de professores e ensino não-formal como aqueles organizados por meio de empresas, movimentos populares e organizações não-governamentais (SCHAUN 2002).

mento e para a elaboração e implementação de projetos de mudanças sociais.

O paradigma da educação no seu estatuto de mobilização, divulgação e sistematização de conhecimento implica em acolher o espaço interdiscursivo e mediático da Comunicação como produção e veiculação de cultura, fundando um novo lócus – o da inter-relação Comunicação/ Educação (SCHAUN 2002, p. 20)

A Comunicação voltou-se para a Educação na busca de um espaço de relações sociais no qual possa trabalhar com os aspectos cognitivos, críticos e comportamentais do público e onde prevaleça uma postura formativa e libertadora (CASTILHO COSTA 2007). A escola, por sua vez, vê nos meios de comunicação um instrumento que ajuda a

formar o julgamento, o senso crítico, o pensamento hipotético e dedutivo, as faculdades de observação e de pesquisa [...], a imaginação, a leitura e a análise de textos e de imagens, a representação de redes, de procedimentos e de estratégias de comunicação. (PERRENOUD, 2000, p.128).

A inserção dos meios de comunicação na escola remete ao conceito de uma pedagogia comunicacional, defendida pelo educador pernambucano Paulo Freire<sup>2</sup> (2000), que considera as mídias e as relações com elas, estimulando um diálogo entre a escola e as linguagens midiáticas. Freire (ibid) ressalta o caráter ‘problematizador’ deste diálogo, que propõe despertar no aluno a leitura do

<sup>2</sup>O educador e ativista social Paulo Freire desenvolveu uma prática de alfabetização e de pedagogia crítico-libertadora, que defende ser através da relação dialógica que se consolida a educação como prática da liberdade.

mundo, fazendo da educação um ato de aproximação com a realidade. A Educação é entendida, assim, como um processo de construção da consciência crítica, e a mídia como um canal capaz de despertar, nos jovens, o exercício de criticidade em relação aos fatos do cotidiano.

## 2 Desafios e perspectivas da utilização da mídia na escola

Segundo Cortelazzo (2005), é essencial que o docente se aproxime dos meios comunicacionais, familiarize-se com eles, apropriando-se de suas potencialidades, controlando sua eficiência e seu uso, para então, criar novos saberes.

Os professores precisam aprender a utilizar a mídia não como resolução dos problemas impostos pela prática didática, mas como proposta que traga uma fonte de aprendizado a mais para ser trabalhada em sala de aula. Esta visão implica ter uma atitude sem preconceito, não somente porque colabora para desnudar a noção de verdade perpassada pelas mídias e aceita por um expressivo número de cidadãos, mas também porque pensa esse fenômeno como parte da nossa realidade (GAIA 2001: 35).

No entanto, ainda é grande a incerteza e insegurança dos professores sobre a melhor forma de utilização dos meios de comunicação em sala de aula.<sup>3</sup> Esta dificuldade parece

<sup>3</sup>Pesquisa conduzida pela revista Triálogos, do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Londrina (UEL), com 45 professores que lecionam de 5a a 8a séries do ensino fundamental, revelou que o uso de material midiático pelos professores é normalmente ocasional e fruto de decisões tomadas de improviso (NIEBUHR 2002).

estar associada a três fatores. Inicialmente, e segundo especialistas como Moran (1993), a escola ainda considera *contraditória a relação entre os meios de comunicação e a sociedade*. Por um lado, a mídia, de uma maneira geral, tem sido duramente criticada pelo sistema educacional, por servir como um canal para a sociedade de consumo alienante (BAUDRILLARD, 1990)<sup>4</sup>. Por outro, educadores reconhecem que os meios de comunicação – por seu apelo respondem, muito mais que a escola, à sensibilidade dos jovens.

Uma outra dificuldade sobre o uso da mídia como material pedagógico relaciona-se à formação do *professor que valoriza, sobretudo, a técnica de aula expositiva como forma de transmissão de conteúdo* (MORAN, MASETTO e BEHRENS 2000).<sup>5</sup>

Por fim, muitos professores assumem o *desconhecimento das etapas e particularidades da produção jornalística*. Esta nos parece ser a dificuldade mais significativa e que requer especial atenção. Pois, para melhor utilização da mídia como material pedagógico, o professor deve compreender o processo de produção jornalística jornalístico, assim como suas limitações e constrangimentos.

Segundo muitos autores (Traquina 2005, Pena 2005 e Souza 2002), o entendimento do

<sup>4</sup>O filósofo francês Jean Baudrillard situa a recepção da mídia como parte de uma engrenagem de consumo cultural que abrange todos os imperativos do sistema social de consumo da sociedade.

<sup>5</sup>Pesquisa indica que aulas expositivas contribuem ao oferecer aos alunos as informações mais recentes do campo de estudo colhidas de diferentes fontes e apresentadas de maneira organizada e sintetizada. No entanto, o professor pode encontrar dificuldade em manter a atenção dos estudantes durante 60 ou 90 minutos de exposição e podem induzir a cópia do conhecimento e não a sua construção (PACHECO).

processo de produção jornalística deve partir do pressuposto que as notícias – principal produto do trabalho jornalístico – não representam um reflexo objetivo dos acontecimentos do cotidiano. Central à compreensão desta teoria está a noção de que o processo de seleção dos fatos que serão transformados em relatos noticiosos submete-se à ação pessoal dos jornalistas (*gatekeepers*) e, por isso mesmo, caracteriza-se por ser arbitrário, subjetivo e muito dependente de juízos de valor, experiências, atitudes e expectativas de repórteres, pauteiros e editores.

Um outro elemento, que permeia o processo de produção jornalística e que deve ser compreendido por educadores, relaciona-se à teoria do agendamento, que defende que a mídia é capaz de estabelecer uma agenda temática junto ao público (SOUZA 2002). Para McClure e Patterson (apud Souza 2002), esta capacidade de agendamento dos temas difere de meio para meio: os jornais, por fornecerem uma visão mais aprofundada e analítica dos assuntos – em relação ao noticiário breve e heterogêneo oferecido pela televisão –, teriam maior capacidade de agendar os temas a serem tratados pelo público.

Fixar a agenda é fixar o calendário dos acontecimentos, é dizer o que é importante e o que não é, é decidir chamar a atenção sobre um certo problema. [...] Fixar a agenda é escolher o bom momento e o bom lugar para difundir a informação. É fixar não só o que vai ser discutido, mas como e por quem (BARROS FILHO in Barzotto e Ghilardi, 1999, p. 13)

Estes e outros constrangimentos à prática jornalística<sup>6</sup> impõem a reflexão de que a mídia estabelece, hierarquiza, legitima e ordena os fatos a serem discutidos pelo público. É fundamental que educadores e alunos, ao compreenderem que as notícias apresentadas pela mídia estão sujeitas a um processo de escolhas e seleções arbitrárias, estejam atentos ao perigo do que Bordenave (2003) chama de ‘ilusão referencial’ – a crença que a informação consumida por um jornal (ou noticiário televisivo ou radiofônico) é um absoluto reflexo da realidade.

Da enorme quantidade de fatos que a realidade contém, os meios de comunicação selecionam só alguns, decodificam à sua maneira, combinam-nos entre si, estrutura-nos e recodificam, formando mensagens e programas, e difundem-nos, carregados agora de ideologia, de estilos e intenções. (BORDENAVE, 2003, p. 50).

Alguns projetos têm aproximado professores de universidades e educadores do ensino médio e fundamental interessados em trocar experiências e reflexões sobre estas questões e a inter-relação entre Comunicação e Educação. No Paraná, professores de ensino médio e fundamental da rede estadual estiveram reunidos em Faxinal do Céu, em 2005, durante três dias, para trocar experiências e discutir propostas sobre a utilização da mídia em sala de aula. Cerca de 200

<sup>6</sup>A seleção de notícia pode ser influenciada ainda por outros fatores, como o contexto profissional-organizativo-burocrático da redação; critérios profissionais ligados às rotinas de produção – como o prazo de fechamento do jornal –; a eficiência e velocidade de avaliação individual de relevância da noticiabilidade do fato; e interesses políticos do veículo (TRAQUINA 2005, PENA 2005 e SOUZA 2002).

professores participaram de oficinas de Educação conduzidas por professores e alunos do curso de Jornalismo da Fundação Assis Gurgacz (FAG), de Cascavel, que focalizaram a produção de jornais, fotografias e vídeos escolares. Em Cascavel, também no mesmo ano, professores de Jornalismo a Universidade Paranaense (UNIPAR) promoveram curso de capacitação para acadêmicos de Pedagogia da instituição interessados em aprender a trabalhar com jornais em sala de aula.

No portal Cidade do Conhecimento, da Universidade de São Paulo<sup>7</sup>, o programa Educar na Sociedade de Informação é um espaço para a formação de redes de contato entre professores do ensino fundamental e médio, da rede pública e privada, e educadores de organizações não-governamentais. Ali eles trocam experiências sobre iniciativas, projetos de pesquisa e ações sociais que fazem uso inteligente dos meios de comunicação de massa. Um outro projeto, da mesma instituição, inclui a RBE - Rede Brasileira de Educomunicadores<sup>8</sup>, movimento que também reúne especialistas que se voltam para a reflexão e a prática da Educação em espaços culturais e em instituições educativas. O projeto oferece cursos de extensão, seminários de aperfeiçoamento para educadores, interligados através do boletim online “O Educomunicador”.

### 3 Experiências escolares com jornais

Pelo caráter menos exigente e complexo em termos de recursos técnicos e financeiros

<sup>7</sup><http://www.cidade.usp.br/projetos>

<sup>8</sup><http://www.usp.br/nce/>

ros, são crescentes, no ambiente educacional, atividades educacionais utilizando jornais.<sup>9</sup> Muitos destes projetos escolares<sup>10</sup> priorizam a leitura, a discussão e a interpre-

<sup>9</sup>O jornal foi o primeiro elemento da mídia a ser utilizado por professores como recurso didático. Conforme Adair (1995), trata-se de prática educacional antiga: na Espanha, em fins do século XIX, já se discutia a possibilidade de introdução o jornal nas salas de aula. Na Noruega, foram encontrados artigos de jornais do começo do século XX falando sobre revolucionários métodos de ensino com o uso de jornal. Nos Estados Unidos, em 1932, o New York Times iniciou seu programa de jornal na educação, sendo reconhecido como marco na história destas iniciativas, através da distribuição de suas edições nas escolas. No Brasil, a introdução do jornal como recurso didático começou na década de 70. Na época, a experimentação era inovadora: influenciada pela obra de McLuhan, a Secretaria de Educação de São Paulo introduziu, em suas diretrizes curriculares, a produção de jornais, o que continuou nas décadas de 80 e 90, mantendo programas funcionando até hoje em vários estados brasileiros.

<sup>10</sup>Entre eles, o projeto “Jornal na Sala de Aula”, implementado em mais de 40 municípios do estado do Ceará; o projeto “Correio Educação”, que atende 30 mil estudantes da pré-escola à 8ª série de 62 escolas municipais de Uberlândia, em Minas Gerais; o projeto “Correio Escola”, coordenado pelo Departamento de Educação do Estado de São Paulo e o projeto “Quem Lê Jornal Sabe Mais”, no qual o jornal carioca O GLOBO desenvolve um processo de formação continuada, através de oficinas, encontros, palestras, reuniões pedagógicas, para capacitar os professores da rede estadual que irão trabalhar com os jornais em sala. O projeto “Pião dos bairros: o jogo que é também jornal”, fruto do TTC de um grupo de acadêmicos de Jornalismo da FAG em 2005, apresenta uma proposta Educomunicativa inovadora: um jornal / jogo, que tem como objetivo “fazer com que as crianças aprendem a interpretar e questionar as informações dos meios de comunicação de massa” (TAVARES et al 2005). O projeto ganhou, em 2006, o 3º lugar do Prêmio Sangue Novo, categoria projeto impresso, concedido pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná.

tação de diferentes assuntos (que podem ou não estar relacionados aos conteúdos programáticos) enfocados pela mídia, estimulando a reflexão crítica da realidade social e o manejo da linguagem oral e escrita.

Outros projetos, além de usar o jornal como ponto de partida para debates e discussões sobre temas da atualidade, encorajam os acadêmicos a produzirem seu próprio material jornalístico impresso. Entre as várias experiências envolvendo jornais escolares no país, destacamos três:

1. O *Jornal Uga-Uga* é um projeto da Agência Uga-Uga de Comunicação - organização não-governamental, sem fins econômicos, que atua na capital e municípios do interior do Amazonas.<sup>11</sup> O tablóide escolar, que está na sua 20ª edição, é produzido e gerenciado por jovens e adolescentes da rede pública de ensino de Manaus e voltado para esse mesmo público: 77 escolas utilizam o *Uga-Uga* como material didático em salas de aula. A equipe do projeto desenvolve oficinas de treinamento e capacitação para que os estudantes possam elaborar o jornal de forma crítica e criativa e de acordo com as técnicas e linguagens do meio impresso. A idéia é fazer com que a publicação seja mais uma alternativa inserida à prática metodológica escolar, e não um concorrente do livro didático ou dos professores. Além da versão impressa, o projeto está desenvolvendo uma proposta ele-

<sup>11</sup>O projeto originou-se do Projeto Jornal na Escola, uma ação desenvolvida, em 1997, pela Secretaria Municipal de Educação (Semed) e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef).

trônica, via Web, como estratégia para alcançar um maior número de leitores.

2. A ONG Comunicação e Cultura, que desenvolve ações no Ceará, apóia dois projetos de Educomunicação: o “Primeiras Letras” e o “Clube do Jornal”. O “Primeiras Letras” apóia a publicação de jornais que resultam do trabalho em sala de aula no ensino fundamental e EJA (Educação de Jovens e Adultos) e são editados por professores, com textos e desenhos dos alunos. O projeto beneficia, atualmente, 880 escolas de 104 municípios no Ceará.

O “Clube do Jornal” apóia a publicação de jornais jornalistas estudantis editados com autonomia por adolescentes do ensino médio. Os jovens têm independência tanto no que diz respeito à escolha e redação de matérias, como à programação visual dos jornais, formas de distribuição e número de páginas. O projeto promove cursos em diversas áreas (comunicação, liderança, produção de textos e editoração eletrônica, entre outros) e encontros de intercâmbio de experiências entre os redatores das publicações. O projeto beneficia, atualmente, 122 escolas de 33 municípios no Ceará.

3. O projeto “Olho Vivo”, da ONG Bem TV, viabiliza processos educativos para adolescentes das comunidades da Grota, Morro do Preventório e Jurujuba, em Niterói, no Rio de Janeiro. As atividades, que começaram em 2003, incluem edição de jornais, exposições fotográficas e até promoção de campanhas contra a disposição inadequada do lixo.

## 4 A experiência do jornal Santa Cruz

Considerando a conceituação e os impasses que a Educomunicação enfrenta na atualidade, um grupo de alunos do curso de Jornalismo da Fundação Assis Gurgacz (FAG), instituição situada em Cascavel, no oeste do Paraná, iniciou a produção do *Jornal do Santa Cruz*. O projeto pretende aproximar os acadêmicos da FAG com a comunidade do bairro Santa Cruz e possibilitar à comunidade escolar do Colégio Jardim Santa Cruz a participação efetiva em um projeto de comunicação.

O *Jornal do Santa Cruz* nasceu em 2006, como fruto de uma parceria entre o curso de Jornalismo da FAG e o bairro Santa Cruz. No início daquele ano, o Curso de Jornalismo foi procurado por representantes da escola e da associação de moradores local interessados em produzir um veículo impresso que divulgasse e debatesse questões importantes para a comunidade – como segurança pública, saúde e saneamento básico. Um grupo de alunos do curso encampou a idéia e inseriu a produção do jornal no projeto de extensão “Olhar na cidadania”, que desenvolve projetos comunicacionais para outras comunidades do município.

A dificuldade em obter patrocínio não desanimou os estudantes de Jornalismo que optaram pela produção de um tablóide de apenas quatro páginas, de periodicidade bimestral e com tiragem de 2 mil exemplares. Pela impossibilidade de veiculação de matérias ‘quentes’, optou-se pela produção de um jornal temático, que enfocasse tema de pertinência para a comunidade.

A produção do jornal foi dividida em três fases. Inicialmente foi organizada uma reu-

nião com a presença dos 10 alunos da escola – do 1º e 2º anos do ensino médio - que se inscreveram para participar do projeto, de 3 acadêmicos de Jornalismo e 2 professores orientadores envolvidos no programa. No encontro, discutiu-se a importância da produção de um jornal para o bairro e para a escola, e selecionou-se o tema principal da primeira edição do jornal (saúde), a partir de um consenso entre os participantes.

Uma segunda reunião enfocou a discussão de pautas para a primeira edição. Os acadêmicos de Jornalismo ficaram responsáveis pela produção das páginas 2 e 3 e da capa<sup>12</sup> e os alunos do colégio pelas fotografias e notícias da página 4, que repercutiriam, na vida escolar, o tema geral do jornal. O grupo decidiu que o jornal incluiria, além de reportagens, um editorial - produzido pelos acadêmicos de Jornalismo e que apresentaria o veículo e o tema da edição -, e um texto de opinião, em forma de artigo, produzido por um membro da comunidade.

Os alunos da escola tiveram prazo de duas semanas para apurarem as notícias. Com a apuração concluída, reuniram-se com os acadêmicos da FAG em um dos laboratórios de informática da instituição para a produção dos textos. Foram orientados sobre principais dificuldades acerca de ortografia, vocabulário, seqüência de idéias, expressão oral, coesão e clareza textual. Em grupos, produziram quatro textos noticiosos para a primeira edição do jornal: a matéria “Fumódromo: conflito entre alunos” mostra a reivindicação por um local apropriado para os fumantes; a reportagem “DST no currículo

<sup>12</sup>A página 2 conta, além do editorial com artigo e charge. A página 3 apresenta reportagem sobre a unidade básica de saúde que atende a comunidade.

escolar” relata a palestra de profissionais da área de saúde; “Alimentação saudável, vida melhor” avalia a qualidade da merenda escolar e “Higiene faz falta” aborda os transtornos causados pela falta de limpeza nos banheiros e cozinha do colégio. Além dos textos, os alunos foram responsáveis pela produção de títulos, fotografias e legendas.

Finalmente, os alunos da escola participaram da fase final da produção do jornal: a diagramação do jornal. Em um novo encontro, acompanharam o processo de diagramação feito por uma das acadêmicas de Jornalismo.

A expectativa de todos os envolvidos com o projeto é que os alunos do colégio adquiram confiança suficiente para, em breve, produzirem sozinhos todas as páginas do jornal. Espera-se também que a repercussão do trabalho motive os comerciantes do bairro a publicarem anúncios no veículo, financiando a sua impressão. O projeto “Olhar na cidadania” pretende, ainda, oferecer aos professores de Língua Portuguesa do colégio oficinas de capacitação para a produção de jornais tablóides para que eles possam desenvolver com os alunos produção semelhante.

## 5 Considerações finais

A Educomunicação ressalta a importância da criação e fortalecimento de ecossistemas comunicativos nas escolas, através da inserção de meios de comunicação nos espaços educativos (SOARES 2007). Para isso, o primeiro passo é capacitar professores para o uso das diferentes linguagens midiáticas em sala de aula - a familiarização de educadores - e educandos - com os meios de comunicação possibilita a melhor utilização da mídia e sua análise crítica. A partir daí, então, os

alunos poderão desenvolver um olhar crítico em relação à produção midiática e produzir seu próprio material jornalístico, valorizando temáticas de seu interesse e da comunidade escolar.

É visível, no país, o fortalecimento de uma rede de apoio à formação de professores interessados em utilizar a mídia em sala de aula. Mas, para a maioria dos professores, a utilização da mídia – e mais do que isso, a produção de produtos impressos – em sala de aula ainda representa uma novidade. A produção do *Jornal do Santa Cruz*, agora em sua 3ª edição, pretende valorizar a produção escolar, estimular e socializar o debate de temas de interesse dos alunos e integrar a comunidade universitária à escolar.

## 6 Referências bibliográficas

- ADAIR, Flávia: O jornal como instrumento pedagógico. In: *Comunicação e Educação*. São Paulo: USP, jan/abr, 1995.
- BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- BARZOTTO, Valdir; GHILARDI, Maria Inês (orgs). *Mídia, educação e leitura*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 1999.
- BORDENAVE, José. *Além dos meios e mensagens*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CASTILHO COSTA. *Educomunicador é preciso*. Disponível em [www.usp.br/nce/aeducacao/saibamais/textos](http://www.usp.br/nce/aeducacao/saibamais/textos). Acesso em 21/04/2007.
- CORTELAZZO, Iolanda. *Pedagogia e as novas tecnologias*. Disponível em <http://www.boaaula.com.br/iolanda/pro>ducao/mestradoemeducao/pubonline/cortelazzoart.html. Acesso em 02 set. 2005.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- GAIA, Rossana. *Educomunicação & mídias*. Maceió: Edufal, 2001.
- MORAN, José Manuel. *Leitura dos meios de comunicação*. São Paulo: Pancast, 1993.
- MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediações pedagógicas*. Campinas: Papirus, 2000.
- NIEBUHR, Carlos. Professores preferem os jornais locais. *Revista Triálogos*. N° 10. Londrina: Editora UEL, 2002.
- PACHECO, Luiz Mota. *Pedagogia em ação*. Rio de Janeiro: Ágora (2007 no prelo).
- PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PENTEADO, Heloísa (org). **Pedagogia da educação**. Teorias e práticas. São Paulo: Cortez, 2001.
- PERRENOUD, Philippe: *10 Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- PORTO, Tânia. O professor e os alunos: uma experiência com os meios de comunicação. *Cadernos de Educação*. Pelotas, v.5, n° 7, 139-148, dez 1996.
- SCHAUN, Ângela. *Educomunicação*. Reflexões e princípios. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. Gestão Comunicativa e Educação: Caminhos da Educomunicação, in *Comunicação & Educação*, n 23, jan/abril 2002, p. 16-25.

SOUZA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

TAVARES et al. **Pião dos bairros: o jogo que é também jornal**. Trabalho de Conclusão de Curso. FAG, 2005.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2005.